

# Revista ENSAIOS TEOLÓGICOS

Online ISSN 2447-4878



Ensaio Teológico está licenciada com uma Licença Creative Commons  
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional

## ISLAMISMO, RELIGIÃO OU TERRORISMO?

Islam, religion or terrorism?

Juliano Fabricio Antunes<sup>1</sup>

### RESUMO

Este artigo objetiva, a partir da veiculação pela mídia de notícias de constantes e brutais ataques terroristas dirigidos a países e instituições mundiais, avaliar o islamismo enquanto religião monoteísta, inspirada, segundo seus seguidores, por um Deus que é misericórdia, justiça e paz. Como metodologia foram utilizadas pesquisas bibliográficas e digitais, para que se pudesse, de forma mais fidedigna possível, descrever suas origens, crenças, expansão e demais particularidades, bem como seu campo de ação, buscando elucidar o leitor no conhecimento do Islã. O desafio lançado: “seria o islamismo uma religião centrada num Deus único e perdoador ou uma justificativa para a disseminação do terror?” Através de reportagens e notícias de revistas e outros, constatou-se que pessoas envolvidas com essa religião repudiam ação fundamentalista, citando, inclusive o Marrocos como exemplo de convívio harmonioso entre todos os credos. Mas os maiores defensores da fé islâmica são justamente os mais violentos defensores da intolerância e do ódio.

**Palavras-chave:** Islamismo. Expansão. Terrorismo.

### ABSTRACT

This article aims, from media publications of news of brutal and constant terrorist attacks targeting countries and world institutions, to evaluate the Islam while monotheist religion, inspired by a God that is mercy, justice and peace. As methodology were used bibliographical and digital research, so that one could, as reliable as possible, describe its

---

<sup>1</sup> Formado em Teologia pela Faculdade Batista Pioneira e com a revalidação pela Faculdade Batista do Paraná em 2011. Licenciado em História e Pós-graduado em Africanidades pela Universidade do Norte do Paraná. (UNOPAR). Professor de Ensino Religioso e História no Instituto Municipal de Ensino Assis Brasil, IMEAB. E-mail [antunes.juliano@gmail.com](mailto:antunes.juliano@gmail.com)

origins, beliefs, expansion and other particularities, as well as its field of action, seeking to elucidate the reader about Islam Knowledge. The Challenge Launched: would Islam be a religion centered on a single forgiving God or a justification for the spread of terror?" Through reports and news from magazines and others, it was found that people involved with this religion repudiate fundamentalist action, citing, including Morocco as an example of harmonious living among all creeds. But the greatest advocates of the Islamic faith are precisely the most violent defenders of intolerance and hatred.

**Keywords:** Islam. Expansion. Terrorism.

## INTRODUÇÃO

Considerada a segunda maior religião do mundo o islamismo nasceu na península Ibérica. Transmitida a Maomé por um anjo, difundiu-se por quase todos os países orientais, e mais tarde, ocidentais, outrora pelas incursões de mercadores nômades e atualmente pelos meios de comunicação.

Através de pesquisas virtuais bibliográficas buscou-se chegar a compreensão de suas doutrinas e trajetória histórica, abordando origens, crenças e expansão, bem como sua relação com os grupos terroristas atuantes nas diversas áreas geográficas dos continentes, com vistas a apreensão da realidade que se esconde atrás de dogmas e ideologias aos quais se emprestam caráter divino.

Pode-se ver que se as invasões islâmicas num primeiro momento objetivavam a conversão dos povos ao Deus único e verdadeiro, Alah, mas transformaram-se, gradativamente, em mesquinhas disputas de poder entre sunitas e xiitas, num contexto em que a conversão dos povos nada mais é do que a cega submissão ao poder opressor. Assim, a história relata que os territórios africanos eram palco de constantes guerrilhas onde dinastias sunitas e xiitas disputavam seu domínio.

A partir dessa conjuntura desenvolve-se toda a trajetória de dominação desse sistema político-religioso que expressa o horror indescritível propagado pelos grupos jihadistas que escravizam, matam e destroem como bestas feras em nome de Alah e seu profeta Maomé.

Poderia ser essa uma ideologia inspirada por um Deus que é justiça, amor e misericórdia?

## 1. ASPECTOS GERAIS E ORIGEM DO ISLAMISMO

É imprescindível conhecer de forma abrangente a segunda maior religião monoteísta do mundo. Segundo a tradição, Maomé recebeu diretamente de Jibrail (anjo Gabriel), os preceitos contidos no Corão. Esses preceitos abrangem, não apenas o espiritual, mas todos os aspectos da vida cotidiana perfazendo um todo. Como religião o islamismo não tem apenas conotação espiritual, mas abrange todos os aspectos da vida, quais sejam a interpretação da lei, as condições financeiras familiares e sociais que interferem ou fazem parte da vida de seus adeptos.

Os que têm conhecimentos jurídicos atuam como líderes religiosos na comunidade, não existindo um sacerdócio organizado e, sendo eles, portanto, mediadores entre as questões

que se apresentam nas esferas locais.<sup>2</sup> Os governantes são representantes de Deus para dirigir o povo.

A palavra Islam deriva da raiz árabe “Salama” que significa paz, pureza, submissão, obediência; no sentido religioso a palavra significa submissão voluntária a vontade de Deus e obediência a sua lei. Seu caráter monoteísta se revela no Alcorão sagrado 4;116 onde se lê: “Deus jamais perdoará quem lhe atribuir parceiros, conquanto perdoe os outros pecados, a quem lhe apraz. Quem atribuir parceiros a Deus desviar-se-á profundamente”.<sup>3</sup> A partir dessa premissa o Islã considera Jesus Cristo e o Espírito Santo como “parceiros atribuídos a Deus” e não como pessoas da santíssima trindade.

Maomé é considerado um profeta e seu nome, (muhammad ibn ‘Abd Allah) significa digno de louvor.<sup>4</sup> Maomé nasceu em 570 e foi a pessoa a quem Deus revelou as palavras do Corão que formam a base da fé islâmica, ele é o último dos profetas islâmicos e fundador da primeira comunidade muçulmana. A formação de sua doutrina sofreu grande influência dos Hanifs, povo que seguia uma fé monoteísta atribuída a Abraão bem como suas relações com judeus e cristãos, já que era mercador e tinha um relacionamento vasto.<sup>5</sup>

Wilkinson afirma que meditando no Monte Hira, perto de Meca, onde vivia, no mês de ramadã de 610, Maomé sentiu a presença de Deus, e o anjo Jibrail lhe transmitiu o que mais tarde fundamentou os preceitos do Corão, as leis da doutrina islã. Então, “ele entendeu que havia um só Deus, o qual devia ser chamado de Alah que significa aquele que é Deus”.<sup>6</sup>

Anterior a Maomé “a religião dos árabes consistia em uma mistura de fetichismo e naturismo, variável de tribo para tribo. Era em geral de essência tradicionalista e seu culto era voltado a deuses e espíritos que habitavam os blocos de pedras, árvores e poços. Algumas tribos adoravam astros e forças da natureza, ou ainda, divindades locais. Alah era menos cultuado que Al-Lat (deusa). As representações de alguns desses deuses ficavam em um antigo santuário de Meca, chamado Ka bah (cubo). Nesse período, os árabes preocupavam-se pouco com a religião, sendo para eles um elemento a mais no costume de seus ancestrais.”<sup>7</sup> Também havia um grande meteorito, a pedra negra, que diziam ter sido enviada a Abraão pelo anjo Gabriel para que ali fundasse um templo ao deus supremo Alah. Maomé acrescentou ao credo recebido seu conhecimento em teorias sociais filosóficas e religiosas que mais influenciavam os povos.<sup>8</sup>

Maomé compartilhou sua visão com o povo de Meca, atraindo alguns seguidores, mas sua doutrina moralizante fez com que fosse perseguido pelos líderes coraixitas que se viram prejudicados. Seus adeptos fugiram para Iatrib em 620 e ele os seguiu dois anos mais tarde,

<sup>2</sup> HELLERN, Victor; NOTAKER, Henry. **O livro das religiões**. Jostein Gaarder. Tradução de Isa Mara Lando. São Paulo: Companhia das Letras, 2000, p. 118.

<sup>3</sup> ABDALATI, Hammudah. **O Islam em foco**: fundação das associações muçulmanas do Brasil. São Paulo: FAMBRAS, 2008, p. 20-21.

<sup>4</sup> WILKINSON, Philip. **Religiões**: guia ilustrado Zahar. Rio de Janeiro: Zahar, 2011, p. 133.

<sup>5</sup> Ibidem.

<sup>6</sup> WILKINSON, 2011, p. 134.

<sup>7</sup> EL FASI, Mohamed. **História geral da África III**. África do sec. VII ao XI. Brasília: UNESCO, 2010, p. 42.

<sup>8</sup> EL FASI 2010, p. 42.

dando origem a Hégira grande marco do calendário islâmico. Seus seguidores o receberam em Iatrib a 300 Km de Meca e chamaram a cidade de Medina.<sup>9</sup>

Hijra ou hégira significa rompimento e partida, Maomé rompeu com sua comunidade, parentes e terra natal. Para os seguidores, porém, não se tratou de fuga, esse fato foi comparado a história bíblica de Abraão que atendendo a ordem de Deus, saiu de Ur na Mesopotâmia para a terra prometida<sup>10</sup>.

Em Medina, Maomé tornou-se um líder religioso e político. Assaltando caravanas que pertenciam às famílias de Meca conseguiu se firmar financeiramente. Essas atividades faziam parte de sua luta pelo controle de Meca, pelo acesso a Kaabah e para difundir a nova religião. O nome dado a luta pelo controle de Meca foi Jihad- o mesmo empregado para designar a guerra santa. A luta pela causa de Alah ganhou relevância sobre todos os outros interesses, do profeta bem como sobre as tradições e os conceitos morais e religiosos herdados do passado.<sup>11</sup>

Maomé foi reconhecido pelo seu povo como profeta e legislador, assumiu a autoridade espiritual e temporal, venceu a oposição judaica e estabeleceu a paz entre as tribos árabes. Retornando a Meca, destruiu todos os ídolos da Kaabah, menos a pedra. Dominou o país e sua religião predominou sobre os laços familiares e tribais. Maomé morreu em 632 como líder de uma religião em expansão e de um estado árabe em início de politização. Reza a tradição que o profeta deixou o mundo mortal após uma viagem mágica a Jerusalém conhecida como *Miraj* ou viagem noturna. Uma noite, Jibrail acordou Maomé do seu sono e o conduziu a um ser mágico semelhante a um cavalo chamado *Buraq*. Maomé montou em *Buraq* que o levou a Jerusalém de onde ascendeu ao céu.<sup>12</sup>

## 2. SUPORTES ESPIRITUAIS EM QUE SE SUSTENTA O ISLÃ

Segundo Abdalati<sup>13</sup> a fé no Islam é encarada nos seguintes aspectos:

a) Fé em Deus – Todo o muçulmano deve testemunhar que não há outra divindade senão Alah, e Muhammad é seu mensageiro. Em árabe: Lá Iláha ila Allah, Muhammad Rassull Allah. Esta confissão de fé, denominada *Shahada* é feita no momento da conversão ao Islam e na condição que seja integral e conscientemente proferida. Os islâmicos Recorrem a Shahada também em ocasiões solenes e na proximidade da morte. Deus é único, Onipotente e Absoluto; se ele retirar seu poder vivificante, todos morrem.

b) Fé nos profetas – Todos os profetas anteriores a Maomé e reverenciados no Cristianismo e Judaísmo são reconhecidos pelo Islam e citados frequentemente no Alcorão. Jesus (em árabe- *Issa*) é considerado um profeta, tais como outros, isto é eles são considerados seres mortais que tiveram o privilégio de receber a mensagem de Deus e revelá-la ao seu povo.

---

<sup>9</sup> WILKINSON, 2011, p. 126.

<sup>10</sup> HELLERN, 2000, p. 121.

<sup>11</sup> HELLERN, 2000, p. 122.

<sup>12</sup> WILKINSON, 2011, p. 12.

<sup>13</sup> ABDALATI, 2008, p. 209.

c) Fé nas sagradas escrituras – O Islam reconhece que revelações divinas foram feitas a antigos profetas, também entende que vários livros foram escritos a partir dessas revelações como a Torá (em árabe: *Taura*) do profeta Moisés, o livros de salmos(*Zabur*) do profeta David e o evangelho(*Injil*) do profeta Issa(Jesus), porém o livro sagrado dos muçulmanos e a fonte primeira do exato conhecimento do Islam é o Alcorão.

O Alcorão ou Corão, livro sagrado do Islamismo é um conjunto de revelações sob a forma de versetos reunidos em 114 capítulos (suratas) precedidos por um título onde se verificou a revelação. Suas palavras são atribuídas ao próprio Deus e por isso os muçulmanos o leem no árabe original, a língua em que foi revelado ao profeta Maomé. Os ensinamentos são de natureza global e visam guiar o homem em suas relações com Deus e com o semelhante. Constitui o fundamento da fé.<sup>14</sup> Como Maomé era analfabeto, a revelação foi memorizada e transmitida oralmente aos seguidores que a registraram em fragmentos de couro. Foi completado e escrito da forma que é hoje, no séc. VII d.C., no reinado do terceiro califa Uthman.<sup>15</sup>

Seu conteúdo inclui apelos às pessoas para que acreditem em Deus e vivam vidas justas; histórias das punições impostas a povos anteriores que desobedeceram a Deus; sermões, histórias e instruções jurídicas, o texto constitui uma fonte para a lei islâmica em matérias como divórcio, herança e guerra, bem como sobre matérias mais obviamente religiosas como jejum, cultos, celebrações. Por fornecer diretrizes sobre todos os aspectos da vida, o Corão é objeto de grande reverência, muitas suras são admiradas pela clareza da linguagem. As passagens mais difíceis foram explicadas por eruditos em textos conhecidos como Hadith.<sup>16</sup>

A Shari'a reúne os quatro elementos da tradição islã, sendo o principal deles o Corão. O segundo é a Suna que relata a vida do profeta como exemplo de vida embasada no Corão; tais preceitos estão contidos nos escritos eruditos do Hadith. O terceiro elemento é *Ijma* (consenso) onde, para aplicar a razão se reúnem e discutem a questão á luz do Corão e Hadith até chegarem em um acordo. O último elemento é uma extensão do sistema de *Ijma*- o *Ijtihad* (razão) quando os imames (sábios) oferecem conselho ético e instrução á membros da congregação de sua mesquita.<sup>17</sup> Milhares de Hadith foram estudados em detalhes e reunidos sob forma de coletâneas da tradição; os mais famosos são os de Al Bukhari e de Abu Muslim.<sup>18</sup>

d) Fé na predestinação - Todos os acontecimentos estão previstos pela vontade divina e previamente fixados no livro do destino.

e) Fé na ressurreição e no juízo final - No fim do mundo haverá a ressurreição em que os corpos dos mortos serão reunidos para sempre em suas almas. O juízo final seguirá a ressurreição dos mortos. “A crença num juízo final após a morte, tão significativa nas pregações de Maomé, é necessária, segundo muitos muçulmanos, para que o homem assuma

---

<sup>14</sup> EL FASI, 2010, p. 146.

<sup>15</sup> WILKINSON, 2011, p. 22.

<sup>16</sup> WILKINSON, 2011, p. 23.

<sup>17</sup> WILKINSON, 2011, p. 40.

<sup>18</sup> EL FASI, 2010, p. 50.

sua responsabilidade pelos seus atos. A ideia de um julgamento cria um senso moral de dever que é relevante para a comunidade”.<sup>19</sup>

Apesar de considerar a Jesus Cristo como um profeta e válidos e significantes Seus ensinamentos contidos nos quatro evangelhos, e os conteúdos do Corão se assemelharem aos da Bíblia Sagrada, evidenciando a marcante influência do Judaísmo de do Cristianismo em sua elaboração, o Islã não aceita Seu sacrifício redentor em prol da humanidade, considerando que “Sua crucificação pelos inimigos é contrária à clemência e misericórdia divinas, assim como a lógica e dignidades humanas”.<sup>20</sup>

O muçulmano crê que cada pessoa nasce livre do pecado. Ao chegar a vida adulta, torna-se responsável pelas suas intenções e ações. Não é só livre do pecado antes de cometê-lo, mas também tem a liberdade de agir conforme seus planos e responsabilidades. Essa dupla liberdade – liberdade do pecado e liberdade de agir concretamente – elimina da consciência do muçulmano o incômodo peso do pecado herdado, assim como alivia sua alma e espírito das tensões da doutrina do pecado original. Esse conceito de liberdade baseia-se no princípio da justiça de Deus e da responsabilidade direta do indivíduo perante Deus. Ninguém pode expiar os pecados alheios. Desse modo, crê que, se Adão cometeu o primeiro pecado, sua própria responsabilidade exigia que o expiasse. Supor que Deus não foi capaz de perdoar Adão e teve que escolher outra pessoa para expiar aquele pecado, ou que Adão pediu perdão, mas não foi perdoado é para o muçulmano muito improvável e contrário à justiça e clemência de Deus em seu atributo de perdoar. Crer nisso abalaria seu conceito de Deus.

Como descrito no Alcorão: “Quem pratica o bem, o faz em benefício próprio; por outra quem faz o mal, é em prejuízo seu, porque o teu Senhor não é injusto para com os Seus servos”.

Jesus Cristo é, portanto, o penúltimo profeta (antes de Maomé) e como tal é aceito e respeitado. Pelo menos assim reza o credo islâmico.

### 3. OS CINCO MANDAMENTOS OU PILARES DO ISLÃ

O Islã não reconhece o secularismo ou a separação da religião das ações diárias do homem. Por isso penetra em todas as esferas da vida para guiar as atividades humanas de maneira integral.

a) Primeiro Pilar: Shahada (profissão de fé feita pelos muçulmanos).

A profissão de fé é a crença central do Islã e se traduz como “somente Alah é Deus e Maomé é o seu profeta”. Esse testemunho é a chave de entrada para o islamismo, repetido por várias vezes todos os dias, proclamada do alto dos minaretes, escrito nas paredes das mesquitas; é a primeira coisa dita a um recém-nascido e a última ao moribundo.<sup>21</sup>

b) Segundo Pilar: Salat (prece islâmica).

Deve ser feita cinco vezes por dia em horas fixas, isto é ao amanhecer (*fajr*), logo após o meio dia (*Zuhr*), no meio da tarde (*asr*), ao pôr do sol (*maghrib*), e a noite (*isha*), em casa ou

<sup>19</sup> HELLERN, 2000, p. 124.

<sup>20</sup> ABDALATI, 2008, p. 33.

<sup>21</sup> WILKINSON, 2011, p. 140.

no trabalho, exceto as sextas feiras quando os muçulmanos costumam ir a mesquita, ao meio dia para as preces. Nessas ocasiões devem lavar-se ritualmente, preparando-se física e espiritualmente para a prece. Tirar os calçados e de pés descalços no chão limpo ou num tapete, prostrar-se em direção a Meca, orando preces prescritas que iniciam com as palavras *Allahu Akhbar* significando que Deus é maior (que qualquer outro), acompanhadas de movimentos como ficar em pé, curvar-se ou prostrar-se, os quais são chamados de *rak ah*. O conjunto de palavras e gestos enfatizam a submissão do homem a Deus com o corpo e a alma. As mulheres oram ocultas atrás das cortinas e galerias. O líder das orações (Imã) fica de costas para o povo e é responsável pelos sermões e funcionários da mesquita.

c) Terceiro Pilar: Zakat (tributo).

É um tributo a ser pago e destina-se a ajudar os pobres e necessitados calculado em 2,5% dos bens pessoais dos muçulmanos, pois que zelando pelos outros expressam seu amor a Deus, ao mesmo tempo em que diminuem-se as desigualdades sociais sem interferir no princípio da propriedade privada.<sup>22</sup>

d) Quarto Pilar: Sawm (a prática do jejum).

É a privação dos prazeres materiais (alimentos, bebidas, sexo etc...) desde a aurora até o pôr do sol do nono mês de Ramadã, considerado sagrado por ter sido o mês em que Maomé recebeu sua primeira revelação. O jejum dura todo o mês, podendo o fiel se alimentar apenas uma vez á noite e abster-se de qualquer prazer ou atividade que não seja a prece. É mês de expiação e descanso coletivo e encerra-se com festividades solenes. Nos últimos dez dias de Ramadã os muçulmanos dedicam mais tempo a Deus indo à mesquita com mais frequência e dedicando mais tempo à leitura do Corão. Sendo um ato de renúncia e mortificação, fortalece a vida espiritual e ensina os ricos a suportarem os suplícios da fome, para se mostrarem mais compadecidos com os pobres que sofrem privações o ano todo.<sup>23</sup>

e) Quinto Pilar: Hajj (peregrinação a Meca).

A peregrinação a Meca (Makkah) que o fiel deve fazer pelo menos uma vez na vida realiza-se no décimo segundo mês do calendário islâmico, propiciando a unidade e a percepção da grandeza de Deus. Os rituais incluem o uso de trajes brancos especiais que simbolizam o estado de consagração (ou santidade) e dar sete voltas em torno da Kaabah recitando certas preces, muitos beijam a pedra negra, pois reza a tradição que essa construção foi erigida por Abraão e Ismael, seu filho com Hagar. Os peregrinos costumam se prostrar no monte Ararat desde o meio dia até o pôr do sol, sem permissão para proteger a cabeça do calor intenso. Passam várias horas ali juntos, firmando seu pacto com Deus e sua crença de que não há outro Deus. O clímax desse evento é o sacrifício que acontece para lembrar-lhes de que Abraão foi tão obediente a Deus que se dispôs a sacrificar seu próprio filho (embora no islã, esse filho seja Ismael e não Isaque). Deus, porém, foi misericordioso e lhe enviou um animal para que sacrificasse. Aqui se revela claramente o cerne religioso da peregrinação: a obediência à vontade de Deus.<sup>24</sup>

<sup>22</sup> HELLERN, 2000, p. 130-132.

<sup>23</sup> EL FASI, 2010, p. 47.

<sup>24</sup> HELLERN, 2000, p. 30.



As demais celebrações são: o nascimento de Maomé (*Mawli dannabi*); o encerramento de ramadã (*bairã*) e o ano da Hégira, comemorado no mês de Muharram (abril); a partir de 622 o ano novo se inicia em abril.

#### 4. EXPANSÃO E DOMINAÇÃO

Após a morte de Maomé os muçulmanos se dividiram em dois grupos: os sunitas e os xiitas. Essa divisão se deu a respeito de quem deveria liderá-los. Seus primeiros sucessores eleitos (califas inspirados) foram Abu Bakr, Umar, Uthman e Ali, seu genro.<sup>25</sup>

Os muçulmanos que julgavam que Abu Bakr era o sucessor escolhido por Maomé são conhecidos como sunitas (adeptos da Suna ou costumes de Maomé). São os seguidores da tradição do profeta e para eles os novos líderes religiosos e políticos devem ser escolhidos pelo povo, isto é entre os seguidores. Dividem-se em quatro escolas de jurisprudência: Malaki. Hanafi, Hambali e Shafihi, que diferem entre si na extensão em que usam o consenso e a razão ao fazer julgamentos, sendo a Hambali que mais se restringe ao Corão e ao hadith. Cada um tem a liberdade de escolher a escola eu melhor lhe convier.<sup>26</sup>

Os xiitas (Shiatu Ali – o partido de Ali), inicialmente antagônico a os sunitas apenas por questões políticas e éticas passou, mais tarde, a acrescentar numerosas doutrinas ao conteúdo religioso, rejeitando o princípio democrático de Maomé e do Corão e substituindo-o pela doutrina segundo a qual, em cada época surgiria um imame (califa) infalível com o cargo divino de guiar a humanidade, sendo eles, Ali (genro do profeta esposo de Fátima) e seus descendentes diretos. Assim os sunitas desejavam seguir a democracia pregada por Maomé no Corão e nas Sunas; os xiitas impunham o direito da supremacia aos descendentes de Maomé.

Os xiitas formaram seitas, partindo da crença de que se o último imame desaparecesse, ele permaneceria oculto a guiá-los; a primeira corrente o Ithmã Asharyya (duo decimanos) reconhece como mahdi (guiado por Deus) o duodécimo descendente de Ali desaparecido em 266/280. Essa seita é a religião oficial do Irã.com destaque também no Iraque, Síria, Líbano e Índia; A segunda é a isma ilyya ou sab iyyuna, são xiitas do sétimo imame, que creem na emanção divina do mundo manifesta pelos profetas imames. O que pressupõe sua iniciação ao ocultismo, configurando-se, portanto, em sociedades secretas em que se destaca: Al Hashishyyun- seita terrorista implantada no Irã e no Líbano entre os séc. VI e XIV.<sup>27</sup> A rivalidade entre sunitas e xiitas ganhou dimensões significativas com a revolução xiita no Irã liderada por Aiatolá Komeini.

Evoluindo de um fetichismo naturista para uma religião centrada em um Deus único (Alah), Maomé elaborou (sendo analfabeto) um modelo de vida em que todos os aspectos e situações do cotidiano são passíveis de adaptação á vontade soberana de Alah, caracterizando um governo Teocrático, a exemplo dos primórdios do Judaísmo (Bíblia Sagrada), anterior aos reis, quando lavé reinava através dos juízes. O Islamismo, em vários princípios, histórias e

<sup>25</sup> EL FASI, 2010, p. 54.

<sup>26</sup> WILKINSON, 2011, p. 144.

<sup>27</sup> EL FASI, 2010, p. 55,56.



versículos, assemelha-se ao judaísmo e ao Cristianismo, sendo marcante a influência destes em sua fundamentação.

Nos séculos seguintes, apesar das inúmeras rivalidades tribais e disputas pelo poder, o islamismo disseminou-se sobre vastos territórios alcançando quase toda a África e Egito, bem como porções geográficas significativas da Europa e Ásia, configurando-se no que os historiadores denominaram “era islâmica”.

Deve-se a edificação do Império islâmico a um exército de guerreiros nômades, liderados por mercadores familiarizados com a cultura e o espaço geográfico dos territórios conquistados. Além da religião os árabes transmitiam sua língua, a qual se tornaria mais tarde a língua administrativa, literária e científica de todo o mundo muçulmano.<sup>28</sup> A partir da ocupação definitiva, impunha-se aos povos dominados a língua, o sistema religioso, e a autoridade governamental islâmica.

É errôneo conceber a civilização muçulmana como um mero conjunto de empréstimos culturais; se num primeiro momento, alguns elementos étnico-culturais dos povos conquistados foram adotados pelo conquistador nas relações de poder, fundiram-se a elas gradativamente, ampliadas e desenvolvidas até a adoção das formas islâmicas originais vigentes. Estimulando ou impondo a ideologia invasora nos planos científico, tecnológicos, religiosos e artísticos, configurou-se o universalismo, ou seja, a nova ordem social.<sup>29</sup>

O Egito, até então província bizantina, foi a primeira região da África invadida pelos árabes. A islamização do Egito é, portanto, um processo complexo no qual participaram fatores tais como: conversões religiosas sinceras, busca de vantagens sociais e fiscais, temor de perseguições, decadência da igreja copta e imigrações muçulmanas. A invasão e consequente conquista islã no território egípcio teve êxito quase imediato devido as condições político religiosas estarem fragilizadas pelos abusos e desmandos de seus dominadores bizantinos. O descontentamento com as desigualdades sociais econômicas e religiosas a que o povo estava sujeito fê-lo sonhar com um sistema justo e imparcial e numa reflexão prematura, pareceu-lhe preencher seus anseios de igualdade e fraternidade. Mas, se no império Bizantino, os cristãos coptas eram favorecidos, num breve futuro seriam perseguidos e exterminados, pois ambos os dominadores revelaram-se opressores e cruéis ao extremo.<sup>30</sup>

Trinta anos após a morte de Maomé, os califas já tinham conduzido seus exércitos até a Síria e a Pérsia (atualmente, Irã, Iraque, Palestina, Egito e Magrebe), a cada conquista somavam-se ao império muçulmano novas terras, riquezas e escravos. Os povos dominados deviam pagar impostos ao califa e o Zakat tornou-se obrigatório também aos não convertidos.<sup>31</sup>

Sob o califado Umayyade (xiita) a arrecadação tributária passou a ser exigência onerosa aos agricultores que fugiram ou transformaram-se em monges para fugir da capitação.

---

<sup>28</sup> EL FASI, 2010, p. 4.

<sup>29</sup> EL FASI, 2010, p. 4.

<sup>30</sup> SILVÉRIO, Valter Roberto. **História geral da África: Pré-história ao século XVI**. Brasília: UNESCO, MEC, UFS, 2013, p. 319.

<sup>31</sup> SCHIMIDT, Malro Furtex. **Nova história crítica**. São Paulo: Nova Geração, 1999, p. 221.

El Fasi interpreta a capitação da seguinte forma:

“Os povos do livro (sistema religioso monoteísta) gozavam de grande liberdade religiosa mediante a condição de pagarem a djizya, imposto de capitação na qual estavam isentos os muçulmanos. Esse imposto servia para financiar as pensões que os guerreiros árabes e suas famílias (beneficiárias de um estatuto social privilegiado) recebiam do tesouro central. Os povos conquistados dificilmente podiam ignorar as vantagens da adesão à fé do vencedor e, portanto, muitos se converteram ao Islã”.<sup>32</sup>

O autor salienta que as conversões aumentaram e a capitação diminuiu de modo alarmante, fazendo com que as autoridades passassem a desencorajá-los, decidindo que os novos convertidos continuariam a pagar o imposto de capitação e a taxa fundiária.

Sucederam-se as dinastias, compostas pelos quatro califas e (ou) seus descendentes, mas, a forma de dominação, a escravização e intolerância religiosa esteve presente em cada uma delas. Malgrado o sofrimento dos povos dominados, o dominador invadiu, espoliou, escravizou e dizimou em nome de um Deus que era amor, misericórdia, igualdade e fraternidade. Fica evidente que o objetivo maior das invasões nunca foi a expansão religiosa a priori e sim o controle absoluto do poder político e temporal.

## **5. O SURGIMENTO DO TERRORISMO ISLÂMICO MODERNO**

Disseminando-se pelo mundo, o islamismo fez milhões de adeptos aos quais “catequiza” na intolerância, incentivando conflitos, tensões e dissensões, através dos meios de comunicação. São fundamentalistas que consideram um dever religioso defender sua fé enquanto alavancam suas relações de poder e a qualquer custo, e assim, põe em prática uma jihad radical. Nesse fanatismo exacerbado formam grupos de extermínio a toda ideologia ocidental, seja ela política ou religiosa, semeando as mais variadas formas de terror.

Existem dois polos de influência no mundo Islâmico: noventa por cento do islã são sunitas e apenas dez são xiitas. Aos sunitas pertence a Arábia Saudita e aos xiitas o Irã. Diversos grupos terroristas como Estado Islâmico, Boko Haram, Al Qaeda, etc, atuam no oriente e não raras vezes no ocidente.

O fundamentalismo político ganhou forma a partir de 1928, com a criação da Irmandade Muçulmana, formada em reação a extinção do califado turco; seu fundador foi Hassan Al Banna. Partindo do pressuposto de que apenas a providência divina pode levar o homem a felicidade, ele concluiu que os muçulmanos devem evitar democracia e viver de acordo com a Sharia. Foi o primeiro grupo a invocar a jihad contra os não seguidores do islã.<sup>33</sup>

### **5.1 O Estado Islâmico**

Nasceu nas prisões iraquianas onde Jihadistas fizeram amizade com os antigos funcionários da ditadura de Saddam Hussein derrubada pelos americanos. É uma organização terrorista que se diz representante do Islã. Seu líder o iraquiano Abubakr Al Baghdadi assumiu

<sup>32</sup> EL FASI, 2010, p. 70.

<sup>33</sup> <https://historiadomundo.uol.com.br/idade-contemporanea/historia-irmandade-muculmana.htm>

em 2010 o comando do Iraque, fazendo ali sua base. Tomando área do Iraque e Síria em 2014 o Estado Islâmico estabeleceu ali um califado (espécie de governo medieval). Calculam-se aproximadamente mil combatentes entre muçulmanos e estrangeiros de 100 países, incorporados às fileiras. O objetivo do Estado islâmico é impor um governo islamistas nos territórios que ocupa a força, contando com enorme material bélico. Seus inimigos são politeístas e hereges, os xiitas, alauítas (no poder da Síria) os apóstatas (que abandonaram o Islã) e os infiéis (de outras religiões).

Á exemplo da irmandade- ideia mãe do fundamentalismo- o Estado islâmico baseado na Sharia e fundamentado na convicção de que o apocalipse é iminente, busca expandir as fronteiras, forçando as conversões para o juízo final.

Abaixo do líder e califa (que é o representante de Maomé na terra) estão sete oficiais do exército iraquiano responsáveis pela coordenação de operações de campo, questões judiciais, segurança, inteligência e propaganda.

Milhares de simpatizantes disseminam pela internet ideias e vídeos do grupo que também é apoiado e auxiliado por todos os demais grupos fundamentalistas sunitas. O grupo é financiado pelos sequestros de reféns ocidentais, venda de antiguidades, contrabando de petróleo para a Turquia e Irã, vinte por cento do faturamento de comerciantes e industriais, cinquenta por cento do salário de funcionários públicos de Damasco e Bagdá. Há bandos armados aliados leais ao Estado Islâmico na Argélia, Líbia, Egito, Síria, Iraque, Iêmen, Arábia Saudita, Afeganistão e Paquistão. Muitas jovens ocidentais iludidas pelas falsas ideologias acabam incorporadas aos haréns dos líderes; os rapazes são transformados em soldados e homens bomba.<sup>34</sup>

A revista Veja de 25/11/2015<sup>35</sup> traz sob o título de “letais contra inocentes desarmados”, salienta que os muçulmanos são as maiores vítimas dos massacres cometidos em nome de Alah e denuncia crimes tais como: assassinado de civis (reféns não resgatados e rebeldes à ideologia); Extermínio de minorias (Yazidis, cristãos, xiitas e homossexuais que são jogados do alto das torres e prédios); escravidão (mulheres e meninas Yazidis feitas escravas sexuais); recrutamento de menores obrigados a se juntar a jihad após treinamento militar e religioso; tortura (amputação, apedrejamento e crucificação); expulsão de povos; destruição de patrimônio, etc...

## 5.2 Boko Haram

Considerado o mais violento dos grupos atua na Nigéria, Camarões e Chade, desde 1970 até 2014 já havia assassinado 6444 pessoas, principalmente na Nigéria, onde, em 2002, surgiu como seita religiosa fundada por Muhammed yusuf, tendo atualmente por líder Abubakar Shekau. O nome Boko Haram significa na língua Hausa: educação não islâmica é pecado. A cultura ocidental, portanto, é a razão dos males do país e deve ser erradicada. Seu objetivo

<sup>34</sup><http://g1.globo.com/fantastico/noticia/2015/11/documentario-revela-como-estado-islamico-cria-geracao-de-terroristas.html>

<sup>35</sup> REVISTA VEJA. Edição de 25 de Novembro de 2015, p. 87-95.

é, combatendo os princípios e legados ocidentais, construir uma república Islâmica. Parte da atividade financeira consiste no sequestro e venda de mulheres para serem utilizadas como escravas sexuais. São leis ao Estado Islâmico.<sup>36</sup>

### 5.3 Al Qaeda (A base)

Foi criada por Osama Bin Laden; ele lutava contra a invasão soviética no território do Afeganistão sendo o responsável pela arrecadação de recursos financeiros e recrutamento de pessoal para a resistência afegã, recursos esses, fornecidos pelos Estados Unidos da América.<sup>37</sup>

Mais tarde na guerra do Golfo (entre Kwait e Iraque) os EUA interviram enviando soldados a Península Arábica e maculando segundo Bin Laden, com suas presenças, o berço do profeta Maomé e seus santuários, o que o levou a iniciar uma campanha contra os EUA na região e fez com que o rei Fahd o expulsasse da Arábia Saudita em 1991. Do Sudão comandou seus primeiros ataques militares aos EUA. Após cinco anos voltou ao Afeganistão construindo campos de treinamento para a Al Qaeda e tornou-se colaborador do regime do Talibã. Sua atuação mais marcante foram os atentados de setembro de 2001 em Nova York e Washington. Imediatamente aconteceu a intervenção americana no Afeganistão, mas Bin Laden não foi encontrado.<sup>38</sup>

A Al Qaeda possui militantes em vários países, suas ações terroristas ocorrem em nações ocidentais e também em países muçulmanos que apoiam os EUA, como Arábia Saudita, Turquia e Indonésia. Tem preferência por atacar alvos de significação simbólica como o banco britânico HSBC e o consulado do Reino Unido em Istambul (Turquia 2003).<sup>39</sup>

Grupos afiliados à Al Qaeda surgiram após a morte de Bin Laden em 2007 entre os quais estão: a Al Qaeda no Magreb Islâmico, Al Qaeda na Península Arábica e Al Qaeda na Somália. Alguns grupos desmembrados da Al Qaeda se uniram ao Estado Islâmico e seguem a mesma estratégia de violência entre eles: Gama'a al Islamiyya (no Egito); Brigada de Mulathameen (na Argélia); Al Mourabitoun (Em Mali e Argélia); Movimento Islâmico de Uzbequistão (Afeganistão e Uzbequistão); Lashkar- e- Jhangui (exército de Jhangui); Lashkar- e –Taiba (exército do bem) no Paquistão e Ansar al Sharia (na Líbia).<sup>40</sup>

### 5.4 Talibã

Está em terceira posição entre os grupos mais violentos. Criado em 1994, atua no Afeganistão e Paquistão apesar de ter sido derrotado após a invasão dos Estados Unidos em 2011. Seu objetivo é expulsar os invasores dos EUA e OTAN usando táticas de guerrilha e ataques de homens bomba. Sua principal fonte de renda vem dos tributos pagos pelos plantadores de ópio. A interpretação dos textos islâmicos é muito rígida, é expressamente

<sup>36</sup> <https://brasilecola.uol.com.br/geografia/boko-haram.htm>.

<sup>37</sup> <https://brasilecola.uol.com.br/geografia/al-qaeda.htm>.

<sup>38</sup> <https://brasilecola.uol.com.br/geografia/al-qaeda.htm>.

<sup>39</sup> <https://brasilecola.uol.com.br/geografia/al-qaeda.htm>

<sup>40</sup> [https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/11/151124\\_levantamento\\_extremismo\\_lgb](https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/11/151124_levantamento_extremismo_lgb)

proibida a manifestação da cultura ocidental e obrigatório o uso da burka pelas mulheres. A atuação do grupo é regional, não se estendendo ao ocidente, seus adeptos são das tribos afegãs (pashtun). Apesar da ideologia ser diferente interage com a Al Qaeda em questões de logística, armas e dinheiro, tendo acolhido Bin Laden em diversas ocasiões. Em 2014 o grupo realizou 891 ataques resultando em 3477 pessoas mortas.<sup>41</sup>

### 5.5 A Primavera Árabe e o Hamas

A Primavera árabe pode ser considerada um movimento das massas populares de diversos países em luta contra as ditaduras estabelecidas e em favor da liberdade e dignidade de vida. Mas infiltrada nessa luta está a milícia xiita a milícia Hezbolah que lhe empresta uma autenticidade democrática duvidosa conferindo-lhe um caráter de violência aleatória e indiscriminada. Da mesma forma o Hamas, apesar de considerar-se um partido político de cunho filantrópico possui um “braço armado”, isto é brigadas prontas, a atuarem pela força, o que segundo vários países, lhe confere caráter terrorista.<sup>42</sup> A primavera árabe eclodiu em 2011 devido ao agravamento da situação dos países árabes provocado pela crise econômica e falta de democracia, altas taxas de desemprego e custo elevado dos alimentos. Consiste em uma onda de protestos revoltas e revoluções populares contra governos de países como Egito, Tunísia, Líbia, Síria, Iêmem e Bahrein.

Ditaduras foram derrubadas; Tunísia e Egito não ofereceram resistência, Muammar Kadafi da Líbia resistiu, mas foi morto em uma rebelião interna e ação militar da OTAN.<sup>43</sup> No Iêmem o presidente resistiu alguns meses, mas acabou transferindo o poder a um governo provisório.

Na Síria, a primavera árabe não consegue se estabelecer. O ditador Bashar Al Assad resiste mesmo com as sanções impostas pela ONU e não abre mão do poder, a violência aumenta a cada dia apoiados pelo Irã e influenciado pelo Hezbolah que luta pela criação de um estado palestino e assumiu recentemente o poder no Líbano. Notícias atuais de 2018 apresentam na Síria uma onda de violência após a expulsão do Estado Islâmico e a busca pela consolidação de territórios e poder; Turquia, Irã, Rússia, EUA, Israel, xiitas e sunitas, curdos (que desejam fundar um estado independente chamado Curdistão na fronteira com a Turquia) árabes seculares e radicais islâmicos estão envolvidos e a pacificação pela ONU se torna difícil pois EUA e Rússia se encontram em lados opostos na luta e possuem poder de veto junto ao conselho de segurança.<sup>44</sup>

Os xiitas do Bahrein levantaram-se contra o governo do rei Hamad bin Isa al-Khalifa, exigindo o fim das políticas de exclusão, maior igualdade e mais liberdade. Foi uma batalha

---

<sup>41</sup> <http://geografandocomachris.blogspot.com/2011/05/o-que-e-o-taliba.html>.

<sup>42</sup> <https://guiadoestudante.abril.com.br/estudo/primavera-arabe-resumo/>.

<sup>43</sup> <https://guiadoestudante.abril.com.br/estudo/primavera-arabe-resumo/>.

<sup>44</sup> <https://brasilecola.uol.com.br/geografia/primavera-Arabe.htm>.

sangrenta que teve auxílio dos militantes da Arábia Saudita. Em resposta, o governo ampliou os poderes do Parlamento, mostrando-se favorável às aspirações do povo.<sup>45</sup>

O Hamas (Movimento de Resistência Islâmica) tem origem palestina e baseia-se na ideologia sunita. Possui várias brigadas (braço armado), um partido político e uma estrutura filantrópica. É considerado um dos movimentos fundamentalistas mais importantes da Palestina. No idioma árabe Hamas significa cordialidade, ardor e entusiasmo.<sup>46</sup>

Em 2006 o Hamas chegou ao poder na Palestina, vencendo as eleições do parlamento (76 cadeiras contra 43 do grupo Fatah). Enfraqueceu na batalha de Gaza (2007) como autoridade palestina na Cisjordânia, quando foi suplantado pelo Fatah. Diversos países como Reino Unido, Austrália, Estados Unidos, Japão, Israel, Canadá, e países da União Europeia consideram o Hamas como um grupo terrorista, por possuírem as brigadas. No Brasil, Noruega, Rússia e África do Sul, o Hamas não é visto de tal forma. Consideram antes os embates uma mera estratégia pelo controle de territórios conquistados. O Hamas categorizou Bin Laden como “um guerreiro sagrado”, conferindo às ações do exército dos EUA o status de assassinato.<sup>47</sup>

O Estado Islâmico e Al Qaeda diferem em suas táticas e objetivos: o objetivo do Estado Islâmico é impor seu domínio nos territórios invadidos; a Al Qaeda se propõe a golpear o capitalismo, o Cristianismo e o Ocidente onde estiverem, atuando em pequenas células com ataques fantasmas, sem a ambição do domínio territorial, mas são leais e auxiliam-se mutuamente. Talibã, estado Islâmico, Al Qaeda e Boko Haram possuem em comum a aversão radical e extrema a toda e qualquer influência ocidental em seu território. Tudo o que apresenta tendências estrangeiras deve ser erradicado. Apenas sua religião (a Sharia e o Corão) deve ser o código de preceitos seguidos e isso de forma rigorosa.<sup>48</sup>

Mas, embora diferindo em algumas táticas, objetivos e formas de conduta, quer voltado ao poder ou movido por ódio extremo, essas facções têm espalhado o horror no Oriente e no Ocidente, destruindo a paz e a segurança das nações e dizimando vidas inocentes com crueldade indizível.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pode-se constatar que os muçulmanos se dividem em dois grandes grupos, os xiitas e os sunitas, em diferentes momentos em que seus califas se sucedem, divididos quanto a quem deveria liderá-los. Sunitas são adeptos a Suna, que afirma que qualquer seguidor do Islamismo pode se tornar califa, desde que tenha conhecimento e capacidade para tal; Xiitas reconhecem a legitimidade do califado apenas aos descendentes do profeta Maomé.

<sup>45</sup> SILVA, Júlio César Lázaro da. "Conflito na Síria: a primavera que não consegue se estabelecer"; Brasil Escola. Disponível em <<http://brasilescuela.uol.com.br/geografia/conflito-na-siria-primavera-que-nao-consegue-se-estabelecer.htm>>. Acesso em 26 de fevereiro de 2016.

<sup>46</sup> <https://www.infoescola.com/islamismo/hamas/>.

<sup>47</sup> <https://www.infoescola.com/islamismo/hamas/>.

<sup>48</sup> <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2015/11/quem-sao-e-o-que-querem-os-grupos-extremistas-que-propagam-o-terror.html>.

Lançando um olhar no texto, poderia se dizer que a religião recebida por Maomé pelo anjo Jibrail perdeu seu sentido de misericórdia e fraternidade pelas diversas divergências das Hadith e demais consensos e juízos elaborados por seu imames, tendo sido gradativamente adulteradas às convicções e virtudes do Corão. Percebe-se, entretanto, que ambição pelo poder temporal que bestifica o ser humano já se fazia presente nas atitudes de Maomé, quando estando fugitivo em Medina tornou-se assaltante das caravanas de Meca, instituindo a Jihad (guerra Santa) com a qual os grupos fundamentalistas legitimam as barbáries cometidas contra seus opositores. Assim, pode-se compreender que a introdução da violência na história do islã se fundamenta nesse fato.

Mais tarde, quando se dá a conquista e expansão dos territórios africanos, acontecem as lutas pela hegemonia, travadas pelas diversas seitas e califados que se formam a partir das divergências teológicas entre sunitas e xiitas, mas especialmente pelo direito da dominação. Bem cedo se manifestam as injustiças econômicas e sociais: no Egito houve cruel perseguição aos coptas, encargos tributários onerosos e conversões forçadas. As sucessivas lutas pelo poder empobreciam a população e enriqueciam as elites; o povo, cada vez mais sofria fome, abuso tributário e segregação racial. Esse momento se repete no Egito na conjuntura político social que origina a primavera árabe (2001), o que demonstra que em momento algum houve alguma justiça social ou equidade com o dominado.

Os dois polos Arábia Saudita (sunita) e Irã (xiita) disputam os governos do Oriente e servem-se ou possuem em seus braços armados grupos terroristas que adquiriram repercussão mundial, alcançando pessoas, religiões e instituições com nível extremo de violência, que não se restringe aos seus inimigos partidários, mas etnias, religiões, e poderes Ocidentais construídos democraticamente.

Apesar disso, vozes se levantam em defesa da religião do Islã. No jornal Zero Hora de 17/11/2015 pode-se observar a indignação de um muçulmano em relação aos ataques a Paris com as palavras “cães dos infernos! (...) muçulmanos de verdade não são feitos para matar pessoas. Esses são apenas criminosos”. Os clérigos das mesquitas também condenam o terrorismo e a radicalização. Destaca-se a cidade de Tez no Marrocos, fundada por muçulmanos, mas que abriga todas as crenças.

Também recentemente acerca dos bombardeios na Síria, a professora e coordenadora de atividades do curso de Direito da Unichristus, Silvana Melo faz um apelo para que refugiados e os 13,1 milhão de sírios que precisam de ajuda humanitária não sejam estigmatizados, seu pedido é que se conheça diferenças conceituais e declara: “Islã é diferente de terrorismo”.<sup>49</sup> Enfim tudo leva a crer que a intolerância é fundamento da fé islâmica e a violência sua marca registrada, porém, deve-se lembrar de orar e não negar auxílio pois o fundamento da fé cristã é o amor e a misericórdia para com todos.

---

<sup>49</sup><https://www.opovo.com.br/noticias/mundo/2018/02/por-que-a-siria-vive-nova-onda-de-violencia-extrema.html>.



## REFERÊNCIAS

ABDALATI, Hammudah. **O Islam em foco**: fundação das associações muçulmanas do Brasil-FAMBRAS. São Paulo, SP, 2008, 215 p.

EL FASI, Mohamed. **História geral da África III**. África do sec. VII ao XI. Brasília: UNESCO, 2010. 1056 p.

HELLERN, Victor, Henry Notaker. **O Livro das Religiões**/ Jostein Gaarder. Tradução de Isa Maralando. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. 315 p.

O Grupo extremista mais mortífero que o Estado Islâmico. **BBC**. 24 de novembro de 2015. Disponível em:

<[https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/11/151124\\_levantamento\\_extremismo\\_gb](https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/11/151124_levantamento_extremismo_gb)> Acesso em: 20 jul. 2018.

O que é o Talibã? **Geografando com a Cris**. 14 de maio de 2011. Disponível em:

<<http://geografandocomachris.blogspot.com/2011/05/o-que-e-o-taliba.html>> Acesso em: 20 jul. 2018.

PENA, Rodolfo Alves. Boko Haram. **Brasil Escola**. Disponível em:

<<https://brasilecola.uol.com.br/geografia/boko-haram.htm>> Acesso em: 20 jul. 2018.

PRIMAVERA Árabe. **Brasil Escola**. Disponível em:

<<https://brasilecola.uol.com.br/geografia/primavera-Arabe.htm>> Acesso em: 20 jul.2018.

PRIMAVERA Árabe. **Guia do Estudante**. 16 de maio de 2011. Disponível em:

<https://guiadoestudante.abril.com.br/estudo/primavera-arabe-resumo/>> Acesso em: 20 jul. 2018.

QUEM são e o que querem os grupos extremistas que propagam o terror. São Paulo: **G1**, 2015. Disponível em: <<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2015/11/quem-sao-e-o-que-querem-os-grupos-extremistas-que-propagam-o-terror.html>>. Acesso em: 19 jul. 2018.

REVISTA VEJA. Edição de 25 de Novembro de 2015. p. 87-95.

SCHIMIDT, Malro Furtex. **Nova história crítica**. São Paulo: Nova Geração, 1999. 221 p.

SILVA, Júlio César Lázaro da. "Conflito na Síria: a primavera que não consegue se estabelecer"; **Brasil Escola**. Disponível em

<<http://brasilecola.uol.com.br/geografia/conflito-na-siria-primavera-que-nao-consegue-se-estabelecer.htm>>. Acesso em: 26 fev. 2016.

SILVÉRIO, Valter Roberto. **História geral da África**: Pré-história ao século XVI. Brasília: UNESCO, MEC, UFS, 2013. 744 p.

VASCONCELOS, Heloísa. Entenda porque a Síria vive nova onda de violência extrema após expulsão do Estado Islâmico. Mundo, **O povo online**. Disponível em:

<<https://www.opovo.com.br/noticias/mundo/2018/02/por-que-a-siria-vive-nova-onda-de-violencia-extrema.html>>. Acesso em: 19 jul. 2018.

WILKINSON, Philip. **Religiões – guia ilustrado Zahar**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011. 352p.